

PINGO. PONTO. FURO

PINGO. PUNTO. AGUJERO

Elinaldo S. Meira

Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Brasil

meira_meira@ufg.br



Link para o trabalho: <https://youtu.be/pEmpClqjaeo>

O RUMO DO RIO É REZA

É o título do livro de poemas de Thiago Calçado, publicado pela editora Gênio Criador. É uma edição de poucas páginas: 88, nas quais estão as 70 poesias do autor. São textos que nasceram à beira-rios (confluência dos rios Paraná e Paranapanema), no extremo oeste do estado de São Paulo, na historicamente conflituosa região do Pontal do Paranapanema. O poeta traz consigo a formação em economia, filosofia, história cultural e teologia; esta última em razão do trabalho pastoral como padre. E foi, nesta condição, designado a assumir uma comunidade no Pontal do Paranapanema, na cidade de Rosana, que gestou **O rumo do rio é reza** em 2019. O poeta acerca da produção dos poemas para a publicação diz serem “escritos-remorsos” publicados durante os anos naquela cidade, onde “o despir do Sol nos fins de tarde são obscenos [...] Onde os rios e os mistérios se encontram. Aqui, Deus quando veio, virou foi gente!” (Calçado, 2019, p. 5).

Os textos que compõem a obra, tal como rios não-aprisionados, são fluentes; e se cabe a alusão ao conto roseano, as canoas das terceiras margens, as que descem na influência sobre o texto do poeta vêm da poesia de Drummond, de Bandeira, de Manoel de Barros, de Philip Roth, dos toques sensuais da obra de Nelson Rodrigues e de uma *invencionice*, há de ser crer, necessária, e de inspiração a Guimarães Rosa, e que na poesia de Thiago Calçado corre pelas vozes e saberes do povo ribeirinho reinventadas nas vozes e saberes da poesia de **O rumo do rio é reza** (2019):

Apreendi com o matuto:

O rio tem duas bandas

E um rasgo no meio.

De um lado é lá.

Do outro, cá.

O fundo a gente nunca sabe onde tá.

Sabe só que onde não dá pé dá peixe.

Nadar é verbo de quem deixa de fazer coisas

Pra ser todinho travessia. (Op., cit., p. 10)

Para a elaboração da narrativa visual foi criada a videoarte *Pingo. Ponto. Furo*, livremente inspirada no poema *Rios que me cercam*, constante na página 27 da obra de Calçado (2019).

Às vezes, os rios que me cercam me deixam em
desespero.

Eles me lembram o escoamento rápido de tudo.

Do corpo, dos amigos, dos amores, da vida...

E de que não há saída.

Entre a margem e o leito eu escolho os dois.

O primeiro pra poesia.

O segundo pra ver como as coisas são do lado de dentro.

Eu já não resisto mais.

O RUMO DO RIO É (FLUXO) DESEJANTE

A videoarte *Pingo. Ponto. Furo* se instala a partir do conceito de “fluxo desejante” de Deleuze e Guattari (2000), que se manifesta no poema *Os rios que me cercam*, de Thiago Calçado. “O desejo é um fluxo, é um desejo que se produz, que não se dirige a um objeto, mas que se distribui por toda parte.” (Deleuze; Guattari, 2000, p. 29). Com duração de 6’44”, a obra toma para si a imagem do poema impresso sobre uma folha de papel, que é desmembrado em palavras e depositado, aos poucos, em um copo com água, a menor maneira de trazer o rio para as mãos. “Apanha um pouco do rio com as mãos e espreme nos vidros” (Barros, 2017, p. 16).

O desejo possibilita a produção e a criação de formas de pensamento e vida. Ele atua como a força que impulsiona a máquina subjetiva, levando o ser humano a um processo criativo que direciona as subjetividades em múltiplos fluxos, atravessando fronteiras e conectando-se de forma dinâmica. Nesse contexto, ideias como o impulso poético são fundamentais, pois potencializam essa relação desejante, onde criar se torna um ato de formar. A forma poética “encerra sempre um conteúdo significativo” (Ostrower, 1977, p. 25), revelando a profundidade das experiências e constituindo territórios existenciais.

Em **Anti-Édipo: capitalismo e Esquizofrenia** (2000) a palavra é força produtiva, não está restrita à comunicação ou representação imediatas; palavra está inserida nos fluxos desejantes, sendo capaz de conectar, impulsionar e transformar realidades. A palavra é, neste sentido, elemento ativo na construção de subjetividades e na criação das formas de experiência; liberta e cria, para além dos aprisionamentos.

A sonoridade elaborada especialmente para a videoarte pensa a experiência enquanto uma paisagem sonora. Na narrativa, instala-se momento de intensidade com o lançamento de alfinetes no copo com água; na mesma água e espaço da palavra, no barco da palavra. Fluxos desejantes obstruídos? Mas quem seria o agente da obstrução? Via de regra, estruturas sociais, normas culturais, mecanismos de controle psicológico ou social. Os alfinetes podem ser sentidos como interrupção, ou, ainda, enquanto convite a refletir sobre como os fluxos podem ser provocados, liberados, limitados. Questão em aberta.

Querer uma coisa, desejar alguém, procurar algo não é ser puxado ou atraído por um objeto exterior com a promessa de satisfação estática; é ser empurrado por dentro, é mover-se no real. Mas para onde? Por que caminhos? Não há como saber! Definir o desejo é matá-lo, uma palavra e o desejo seria estancado, ele não quer ser interpretado, quer ser experimentado! Um vulcão

em erupção é desejo, uma flecha cortando o ar também, não pelo alvo, mas pelo zunido que faz quando passa. (Lauro; Trindade, 2013)

Assim, ao se fechar a narrativa, a superfície do *rio-copo* torna-se um reflexo do desejo, um espelho onde fragmentos submersos revelam o que se foi e do que permanece fluído. Do poema impresso sobre o papel de onde o lemos, sobram lacunas, tanto quanto encobrem o pretense espelho d'água. No fundo do *rio-copo* alfinetes, e as palavras que antes preenchiam as lacunas, entrelaçam-se em um espaço, talvez, sutil, ou possível, ou necessário. Ou, como escreveu o próprio poeta, afrontando-se: "Faço poesia pra pirraçar a lógica" (Calçado, 2019, p. 23). Aspiramos poesia também por isto: aos pingos, aos pontos, aos furos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

CALÇADO, Thiago. **O rumo do rio é reza**. São Paulo: Gênio Criador, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LAURO, Rafael; TRINDADE, Rafael. Deleuze e o desejo. **Razão inadequada**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2013/02/08/deleuze-desejo/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ELINALDO MEIRA

Professor no curso de Artes Visuais – Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da FAV/UFG.